



PIBIC/CNPq/UFPG-2009

A PERSPECTIVA DE CARLOS DE MELO COMO UM DOS NARRADORES DA MEGA-NARRATIVA DO CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR DE JOSÉ LINS DO REGO.

José Kelson Justino Paulino¹ e Elri Bandeira de Sousa².

RESUMO

A pesquisa que ora apresentamos tem como objetivo mostrar as mudanças de focalização do personagem-narrador, nos romances denominados “trilogia de Carlos de Melo”, de José Lins do Rego, e que integram a “Mega-narrativa do ciclo da cana-de-açúcar”. Para tal estudo, usamos como suporte, teóricos como Antonio Cândido, Yves Reuter, Norma Friedman, e críticos como José Aderaldo Castelo. Objetivamos mostrar que à medida que o protagonista cresce, seu modo de ver determinadas coisas evolui, sem ser necessariamente uma evolução positiva. O tempo é um dos motivos de tais evoluções, pois, enquanto criança, Carlinhos via distintos aspectos de uma realidade e depois de adulto seu olhar sobre aquele mesmo aspecto muda sensivelmente. Um fato curioso, é que à medida que o protagonista ia crescendo e vendo as coisas, na maioria das vezes por um ângulo negativo, ele também ia evoluindo, tornando-se alguém sem ação e com um pessimismo destruidor. Na verdade, sua visão foi mudando conforme os acontecimentos, os caminhos percorridos e os lugares novos que conhecia. E se o Santa Rosa mudava, mudava principalmente o olhar do protagonista sobre o Santa Rosa, lugar onde viveu a infância e parte da adolescência.

Palavras-chave: FOCALIZAÇÃO – PERSPECTIVA NARRATIVA – PERSONAGEM

THE PERSPECTIVE OF CARLOS DE MELO AS ONE OF THE NARRATORS IN JOSÉ LINS DO REGO'S SUGARCANE CYCLE MEGANARRATIVE

ABSTRACT

The present work aims at showing the alterations of the narrator-protagonist's focalization, in José Lins do Rego's novels denominated “Carlos de Melo's trilogy”, and integrate the sugarcane cycle meganarrative. To accomplish this study, narrative categories such as character, narrator and perspective were used as a support as well as a critical reading which goes from *Menino de Engenho* to *Banguê*, passing by *Doidinho*, such a reading seeks for accompanying the narrating and “perceiving” acts. We intend to point out that as the protagonist sprouts up, his views on particular subjects evolve, without being necessarily a positive evolution. Time is one of the reasons for such an evolution, for, as a child, Carlinhos sees aspects of the reality in a way, and as an adult his perception of the same matter sensitively changes. Parallel to this evolution of “perceiving”, occurs the protagonist's perception, an actionless and oscillatory being characterized by a devastating pessimism. We conclude that the perspective changes as the events do, as well as paths and places ran by the narrator-protagonist: if Santa Rosa transforms itself, it mainly changes the protagonist's concept about Santa Rosa and the place where he lived during his entire childhood and part of his adolescence.

¹ Aluno do Curso de Letras, Unidade Acadêmica de Letras, UFPG, Cajazeiras, PB, E-mail: kelson_jpaulino@hotmail.com

² Doutor em Literatura, Professor da Unidade Acadêmica de Letras, UFPG, Cajazeiras, PB, E-mail: obs_letras@hotmail.com.

Keywords: FOCALIZATION – TIME – CHARACTER

INTRODUÇÃO

O objeto da presente pesquisa é a perspectiva do narrador-protagonista Carlos de Melo, da chamada trilogia do ciclo da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego.

O *corpus* escolhido foi submetido a uma leitura crítica na seguinte ordem: *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Bangüê*. Tais obras devem ser vistas como um conjunto de narrativas cujos elementos constituintes essenciais articulam-se numa ordem superior a que chamamos mega-narrativa do ciclo da cana-de-açúcar, integrada ainda pelos romances *Fogo morto*, *O moleque Ricardo* e *Usina*.

Na leitura das obras que compõem o *corpus*, percebemos as diferentes visões do narrador-protagonista. À medida que Carlinhos vai crescendo, seu olhar para o mundo e até mesmo para lugares já conhecidos, também vai evoluindo. Quando criança vê coisas e vive momentos simples, mas acha tudo aquilo grandioso. Na adolescência, quando se distancia do Engenho Santa Rosa, já percebemos que o seu gosto pelas mesmas coisas vai sofrendo importantes alterações. Quando adulto, com vinte e quatro anos, vê as coisas por um ângulo totalmente oposto ao da visão de criança.

Esta pesquisa é de bastante relevância, uma vez que ao defrontarmos a visão de um mesmo personagem, em épocas e lugares diferentes, iremos perceber que haverá drásticas mudanças no seu modo de conceber as coisas, independentemente das alterações que elas sofrem com o passar dos tempos. Com isso, veremos que vários fatores influenciaram esta mudança, como o tempo, a sociedade, o conhecimento de mundo, a distancia dos fatos, etc.

A questão das vozes narrativas concerne ao fato de contar. A da perspectiva ao fato de perceber (REUTER, 2002). Por isso, o nosso objetivo não é apenas verificar o fato, mas a visão do protagonista em relação ao acontecimento.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa inclui a leitura do *corpus* selecionado para seu desenvolvimento na seguinte ordem: *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Bangüê*. No que diz respeito à teoria que nos serve de suporte, devemos ressaltar que o que deve ser relevante em nossa análise são as seguintes categorias estruturais: voz narrativa, focalização ou perspectiva, espaço e tempo.

Com apoio nestas categorias, entendemos que a escolha da informação diegética e perspectiva narrativa, limitadas pela condição de um narrador autodiegético, determinam o ajuste temático-estético dos romances da trilogia de Carlos de Melo.

Cândido (2000) nos proporcionou consideráveis aportes teóricos, que nos permitem entender a importância do aproveitamento de fatores sociais e externos em uma obra e como eles influenciam na escolha do ambiente, do mundo ficcional em que a trama da narrativa se desenrola. Percebemos também, por essa visada teórica, que o meio pode influenciar os personagens, o que pode ser analisado como um fator que está diretamente ligado com a perspectiva de Carlos de Melo e sua evolução. Podemos apontar as mudanças de locais em que Carlos de Melo morou como um forte influenciador da evolução de sua visão e dos diferentes ângulos que o protagonista alcança para ver/rever os aspectos do mundo ao seu redor.

Yves Reuter (2002) também nos deu sua contribuição com o enfoque narratológico das diversas categorias que compõem o discurso da narrativa. De sua obra selecionamos os capítulos que tratam espaço, vozes, instância narrativa, tempo da narrativa e perspectiva narrativa. Esse último conceito foi um dos mais importantes para a realização dessa pesquisa. É o emprego desse conceito que nos permite perceber a história segundo um prisma, uma visão de uma consciência que determina a natureza e a quantidade das informações diegéticas (REUTER, 2002, p. 81-82). Nesta leitura percebemos que o narrador homodiegético Carlos de Melo tem uma visão que também pode ser classificada como focalização interna fixa, pois, neste caso, não se pode saber o que se passa na cabeça de outros personagens, mas apenas o que sabe a personagem focalizadora sobre tais personagens (op. cit. p. 81-82).

Empregamos também conceitos do ensaio *O ponto de vista na ficção*, de Norman Friedman. À definição de narrador homodiegético de Reuter corresponde a de narrador-protagonista de Friedman, e que é bastante proveitosa para a análise do narrador-protagonista Carlos de Melo. Aqui, afirma-se, igualmente, que o narrador-protagonista “encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções. De maneira semelhante, o ângulo de visão é aquele do centro fixo” (FRIEDMAN, 1967, p. 12).

Utilizamos, ainda, em nossa pesquisa, considerações de Antonio Candido colhidas de seu ensaio “A personagem do romance”, que sustenta a convicção de que, “no fim das contas, a construção estrutural é a maior responsável pela força e eficácia de um romance” (CÂNDIDO, 1998, p. 55) e que, portanto, a escolha e a combinação das características de um personagem, o lugar em que vive, seus pensamentos e conflitos, seriam decisivos em uma obra, o que nos faz lembrar o “defeituoso” Carlos de Melo. Outro aspecto que Candido considera e que foi de grande proveito na análise do *corpus* desta pesquisa situa-se na verossimilhança. Ela nos faz perceber que o romance se baseia, antes de tudo, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem e que aparece nitidamente em sua caracterização (op. cit. p. 55). A verossimilhança com Carlos de Melo levou parte da crítica ao equívoco de considerá-lo uma recriação do próprio José Lins do Rego, dadas algumas semelhanças biográficas entre autor e personagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciaremos esta parte por uma breve síntese de aspectos do enredo da trilogia de Carlos de Melo e, em seguida, analisaremos a focalização do narrador-protagonista. As diferentes percepções sobre uma mesma coisa marcam a trajetória do personagem, comprovando-se não só certa contradição em seu caráter, mas a evolução do ponto de vista como uma estratégia que infunde dramaticidade na trama da trilogia.

Menino de Engenho nos mostra a vida de Carlinhos em seus melhores momentos. O garoto tem uma visão limitada de mundo, pois acha que tudo se resume ao engenho Santa Rosa, pintando-o como um lugar paradisíaco e fantasioso. Afastando-se do engenho, em *Doidinho*, o protagonista começa a perceber que há mais coisa que o Santa Rosa e homens mais poderosos que o seu avô, já que em *Menino de Engenho* considerava-o exemplo de homem. Em *Bangüê* tudo muda radicalmente, pois Carlos de Melo já conhece um mundo ainda maior, depois de ter passado pela Faculdade do Recife, de onde volta aos vinte e quatro anos de idade, bacharelado em Direito e com a incumbência de suceder ao coronel Zé Paulino no comando do velho engenho.

Recorremos a algumas comparações para comprovar as mudanças de perspectiva do narrador-protagonista. São visões diversas entre o que era grandioso no passado e decadente no presente da narração; digno de literatura antes e, depois, de silêncio; o que era vida, agora caminhando para a morte. *Menino de Engenho* pode ser analisado como o romance da vida, uma vez que é neste que o engenho Santa Rosa acha-se no apogeu e o protagonista vive o melhor de sua vida. Já *Bangüê* se traduz como o romance da morte, uma vez que aqui dominam temas como a decadência do patriarcado rural, a guerra dos engenhos na tentativa de sobreviver à modernização frente ao advento das usinas e o fracasso pessoal e profissional do protagonista.

Começamos então nossa análise pelas diferentes visões do narrador-protagonista acerca do coronel Zé Paulino. Em *Menino de engenho* ele é visto como um herói, um exemplo de patriarca rural, modelo admirado pelo neto:

Ele era temido mais pela sua bondade. Não havia coragem que levantasse a voz para aquela mansa autoridade de chefe. Não tinha adversários na sua comarca. Os seus inimigos eram mais de sua família do que dele. Herdara-os com o Santa Rosa (REGO, 1998, p. 49).

No desfecho de *Menino de engenho*, quando Carlinhos está de partida para o colégio de Itabaiana, recebe do avô o seguinte conselho: “- Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende” (op. cit. P. 82). Em *Doidinho*, Carlinhos ainda tem uma bela impressão do avô, mas agora, com a consciência de que existiam pessoas mais poderosas que ele, sua perspectiva muda. No que diz respeito à valorização dos estudos, a visão do adolescente sobre o avô amplia-se:

Formar-se para voltar para a enxada, como o dr. Quincas do Engenho Novo e o dr. João do Itaipu, seus primos legítimos, não valia a pena. Percebia-se-lhe a contrariedade em não ver o filho Juca feito juiz de Direito ou procurado para defender no júri. O velho Zé Paulino, tão sem vaidade para as outras coisas, amava o luxo da bacharelise (REGO, 2000, p. 133-134).

Bangüê nos revela uma visão oposta à das duas primeiras narrativas, não apenas por que os anos passaram, mas por que a relação do patriarca com o narrador-protagonista já é de cobrança, de adulto para adulto. É assim que José Paulino recebe Carlos de Melo quando de sua volta do Recife: “- Vamos ver para que dá o senhor – me disse o meu avô no dia de minha chegada” (REGO, 2002, p. 31). O fator relação interpessoal se conjuga com as mudanças trazidas pelo tempo. Na velhice, o comandante do Santa Rosa já não pode ser visto como forte, valente e dono de poder:

Oitenta e seis anos, a vida inteira acordando às madrugadas, dormindo com as safras na cabeça, com preços de açúcar, com futuros de filhos, com cheias de rios, com lagartas comendo roçados. E eu o via passando pelo meu quarto sem me olhar, tossindo pelo alpendre, a bater com o cacete na calçada, como nas noites em que ia olhar o relâmpago nas cabeceiras. Seria que ele esperasse ainda por mim? Que um dia eu deixasse a rede e os livros para empunhar o seu cacete de mando? (op. cit. p. 35).

A antiga percepção que Carlos de Melo tinha de sua estirpe se desnuda nesse momento da narrativa. Para ele, tudo não passava de literatura:

Pensava em barões, em carruagens, quando o velho José Paulino era um simples, um homem sem luxo. Procurava ligações com uma existência que fora de parentes remotos e que talvez nem fossem parentes. Falava dos Cavalcantis, dos Vieiras de Melo, dos Albuquerque, com um orgulho meio maluco. Via, no entanto, parentes bem próximos na miséria. Nô do Itapuá bebendo cachaça, o velho Baltasar de engenho a engenho levando mexericos, outros caídos na mais torpe existência (op. cit. P. 33).

Na perspectiva de Carlos de Melo, a decadência dos engenhos e o tema das usinas só vêm ao primeiro plano em *Banguê*, especialmente na Terceira Parte. Em *Menino de engenho*, as usinas ainda não aparecem. O tema da decadência surge apenas no capítulo 28, dedicado ao engenho Santa Fé. Com o Santa Rosa sempre visto por dentro e com lentes que o agigantam, assim Carlos de Melo, na perspectiva de Carlinhos, se refere ao engenho de seu Lula:

Sempre que via aqueles condados na geografia, espremidos entre grandes países, me lembrava do Santa Fé. O Santa Rosa crescera a seu lado, fora ganhar outras posses contornando as suas encostas. Ele não aumentara um palmo e nem um palmo diminuía. Os seus marcos de pedra estavam ali nos mesmos lugares de que falavam os papéis [...] Coitado do Santa Fé. Já o conheci de fogo morto (REGO, 1998, p. 52).

Já o tema das usinas é tocado de passagem em *Doidinho*, numa rápida conversa entre Carlinhos e o colega de colégio Vergara. “Ouvira falar das usinas pelos moradores que voltavam da de Goiana [...] A verdade é que as usinas já estavam ali para humilhar os bangüês do meu avô” (REGO, 2000, p. 109). O tema é tomado como algo distante por que, na percepção de Carlinhos, o Santa Rosa é sua referência e ainda está no apogeu. Os outros lugares e realidades ainda não avultavam diante de seus olhos.

Na Terceira Parte de *Banguê* caminham, *pari passu*, a decadência do Santa Rosa e a do coronel Zé Paulino, que marcha para a morte. Aqui, inverte-se a situação da primeira narrativa. A tragédia pessoal do narrador autodiegético e a do velho engenho passam a ser uma só – posto que limitada pela visão de quem protagoniza os acontecimentos – sobretudo após a morte do coronel, quando Carlos de Melo herda o Santa Rosa e não sabe o que fazer das ruínas de um passado de glória. Herdeiro de um engenho tradicional em decadência e ligado àquelas terras por fortes laços afetivos, mesmo sem aptidão para o ofício deixado pelo avô, o neto do coronel não podia oferecer em sua narrativa uma visão positiva das usinas.

Os canaviais subiam e desciam pelas encostas, sumiam-se várzea afora. Não se via um roçado de morador, uma vaca amarrada de corda, pastando. Era cana e só cana. A usina só precisava daquilo. Para que moradores com roçados, criando gado? Queria gente para o campo e a terra toda só prestava para plantar cana. Acabara com os senhores de engenho, mas destruíra também os pequenos que se defendiam no algodão (REGO, 2002, p. 251).

Distintas visões também são traçadas em relação à imagem que o narrador-protagonista tinha do engenho Santa Rosa. Quando criança e adolescente, vê o engenho como um verdadeiro paraíso. Já em *Banguê*, sua visão se afasta das imagens produzidas pela mente da criança, pois aquele “paraíso” não existia mais. Com o tempo a visão do meio físico também se altera, pois na infância Carlinhos, em *Menino de Engenho*, pintava as tardes do Santa Rosa como ótimas e agradáveis; depois de adulto, em *Banguê*, eram tristes e sem novidades. “E nem as saudades dos tempos outros me davam coragem para me fixar ali, onde fora o meu paraíso de antigamente. E não havia nada mais triste do que um retorno a esses paraísos desfeitos” (op. cit. 32).

Consideramos que a evolução do “perceber” do narrador-protagonista alimenta-se, verossimilmente, da passagem do tempo (infância – adolescência – maioridade) e da mudança de espaço (Santa Rosa – Itabaiana – Recife – Santa Rosa). À verossimilhança liga-se a opção estética por um narrador autodiegético, capaz de desnudar e dar ênfase a seu próprio drama.

Em relação ao espaço, podemos perceber que o olhar de Carlos de Melo muda de acordo com os lugares em que vive. Em *Menino de Engenho*, o Santa Rosa, é encarado como um lugar “perfeito” porque sua visão e seu conhecimento estão limitados àquele espaço; por outro lado, ali, a sensação de liberdade falava mais alto. Em *Doidinho*, amplia-se um pouco sua percepção, o que permite que, em alguns momentos, o engenho e o avô sejam vistos a uma certa distância e de forma relativizada.

Ao distanciar-se ainda mais do Santa Rosa, indo estudar no Recife, Carlos de Melo enxerga um mundo bem maior, o que destrói os limites de sua visão de criança. A mudança de lugar influencia diretamente na perspectiva de Carlos de Melo, pois ao voltar do Recife dez anos depois, traz na bagagem a vida da cidade, as festas, as noitadas. É natural e verossímil que o Santa Rosa lhe parece tão pequeno, tão sem a grandeza que a visão do passado lhe conferia.

Yves Reuter (2002, p. 51-55) nos traz um conceito de suma importância, o da relevância funcional dos lugares na trajetória de um personagem ou no rumo dos acontecimentos. No caso das narrativas de Carlos de Melo, não se trata de simples moldura, mas de elemento determinante em diferentes momentos do desenrolar da história. As mudanças de lugares têm implicações diretas na perspectiva narrativa, pois à medida que conhece novas realidades, Carlos de Melo começa a julgar e a relativizar a importância dos antigos lugares a que tanto se afeiçoara. Essa mudança é relevante se considerarmos as narrativas como um todo, se considerarmos a trilogia completa: aqui, o espaço não é apenas o lugar onde as coisas acontecem, mas o elemento que desencadeia novas significações. O espaço também tem a função de facilitar ou dificultar a ação. Ao voltar de Recife diretamente para o engenho Santa Rosa, Carlos de Melo tenta administrá-lo, sucedendo ao avô José Paulino. Porém, sentindo-se estranho neste “novo” lugar, fracassa completamente. O Santa Rosa da decadência nem é mais o mesmo da época do apogeu, nem pode ser visto por um personagem que também já não é mais exatamente o mesmo.

A passagem do tempo também influencia a visão de Carlos de Melo. Quando criança, as coisas simples eram percebidas como grandiosas; quando adulto tudo muda e perde a grandiosidade de outrora. Isso se dá porque, com o passar do tempo, o conhecimento de mundo muda, assim como mudam as perspectivas, os valores e as expectativas.

Há um lapso importante entre a narrativa de *Doidinho* e a de *Banguê*, e que corresponde ao período da passagem de Carlos de Melo pelo Recife. Trata-se de uma elipse que compreende um período de aproximadamente dez anos, que não consta da trilogia que ora nos ocupa, mas que fica implícita no romance *O moleque Ricardo* através de esporádicas aparições de Carlos na capital pernambucana. Essa supressão de um lapso temporal alargado (REIS; M. LOPES, 1988, p. 242-244) leva-nos a entender o impacto que o Santa Rosa e o coronel José Paulino causam em Carlos de Melo, quando este volta definitivamente para o engenho, uma vez concluídos os estudos.

A trilogia de Carlos de Melo dialoga com os outros romances da mega-narrativa do ciclo da cana-de-açúcar, ao mesmo tempo em que é parte integrante dessa mesma mega-narrativa. Dialoga por que diversos eventos, integrantes de *Fogo morto*, são narrados por Carlos de Melo em uma perspectiva diversa daquela do narrador desse último romance. Poderíamos enumerar episódios como o da invasão do Pilar por parte do cangaceiro Antônio Silvino, a libertação do cativo e a queda do engenho Santa Fé, de Lula de Holanda. Esses fatos são narrados em *Fogo morto* como pertencentes ao presente da narrativa, como um processo que se acompanha em detalhes. Já em *Menino de engenho*, são vistos à distância, como transcorridos em um passado relativamente afastado. O coronel José Paulino, na perspectiva de Carlos de Melo, é um grande homem, embora em *Banguê* se ache em declínio. Em *Fogo morto*, a focalização múltipla oferecida pelo narrador relativiza a imagem do patriarca oferecida por Carlos de Melo em sua trilogia.

Como parte integrante da mega-narrativa, a trilogia de Carlos de Melo é o elo entre a trama de *Fogo morto* e os romances *O moleque Ricardo* e *Usina*. A manipulação dos eventos na cadeia do tempo por parte dos narradores nos leva a perceber o diálogo e a integração entre esses romances e sua uniformidade temática.

CONCLUSÃO

Carlos de Melo é um narrador-protagonista que conta, de maneira retrospectiva, sua história e a do engenho Santa Rosa e seus personagens. Mas, nem sempre o ponto de vista é o do adulto: em *Menino de engenho* e *Doidinho*, o narrador nos oferece a visão da criança e do adolescente. Nesses dois

casos, podemos dizer que a perspectiva passa pela personagem. Já em *Banguê*, o narrador adulto coincide com o personagem adulto: podemos dizer, então, que, nesse romance, se oferece ao leitor um ponto de vista atualizado, pois o narrador-protagonista, embora relate uma história passada, apresenta-nos um passado recente; aqui o narrar e o perceber coincidem.

As visões do narrador-protagonista mudam, de fato, de acordo com o tempo e o espaço em que ele vive. Carlos de Melo, ao longo de sua trilogia, registra essas diferentes perspectivas: como via as coisas quando menino e como as vê depois de adulto.

Constatamos, ainda, que à medida que Carlinhos cresce e se transforma no adulto Carlos de Melo, não somente sua visão, mas sua vida também muda, tornando-se mais problemática – o que acarreta repercussões na sua forma de perceber o mundo.

Ao empreendermos uma análise de teor estético, verificamos que é possível obter resultados satisfatórios sem recorrer enfaticamente à biografia do autor da obra analisada nem confundir-lo com suas criações artísticas. Carlos de Melo é o primeiro narrador construído por José Lins do Rego. Trata-se de um ser ficcional. Com ele inicia-se – com planejamento consciente ou não por parte do autor – a mega-narrativa do ciclo da cana-de-açúcar, que será levada adiante pelos narradores de *O moleque Ricardo*, *Usina* e *Fogo morto*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In.: *A personagem de ficção*. CANDIDO, Antonio et. al. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

FRIEDMAN, Norman. *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*. Tradução Fábio Fonseca de Melo. Revista USP, São Paulo, n. 53. 2002. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/n53/friedman.html>

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 72 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

_____. *Doidinho*. 38 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

_____. *Banguê*. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.